

## A FUNÇÃO-AUTOR NA LITERATURA MARGINAL

Élida Cristina de CARVALHO CASTILHO<sup>1</sup>

**RESUMO:** Não é de hoje que a relação entre literatura e verdade está nos caminhos dos textos literários, o que, muitas vezes, dentro desse horizonte cultural, define a literatura com um valor metafísico de representação, somente no nível do visível. Esse modo de ler e compreender a literatura, entretanto, significa, também, na relação entre autoria e representação, autoria e obra, conceber o autor somente como intérprete dessa realidade, como centro de onde partem e para onde convergem os sentidos. Centrado, pois, nos pressupostos teórico-metodológicos dos estudos discursivos-desconstrutivos e em seus mecanismos de compreensão, a partir da relação da linguagem com sua historicidade, neste texto, é a noção de função-autor (FOUCAULT, 2003), determinada por suas condições de existência e, sobretudo, de resistência, que pretendemos sublinhar, no intuito de perceber como a autoria, na/pela literatura marginal contemporânea do sujeito-enunciador Geovani Martins, mais que a indicação de um gesto, um discurso verdadeiro, uma “presença”, carrega outras funções, principalmente, a de apontar que outras ocorrências de um conjunto de discursos/olhares são possíveis.

**PALAVRAS-CHAVE:** Autoria. Representação. Literatura Marginal. Desconstrução.

## LA FUNCIÓN-AUTOR EN LA LITERATURA MARGINAL

**RESUMEN:** No es nuevo que la relación entre literatura y verdad esté en los caminos de los textos literarios que, muchas veces, dentro de este horizonte cultural, definen la literatura con un valor metafísico de representación, sólo al nivel de lo visible. Esta forma de leer y entender la literatura, sin embargo, significa también, en la relación entre autoría y representación, autoría y obra, concebir al autor sólo como intérprete de esta realidad, como el centro del que parten y convergen los sentidos. Centrada, por tanto, en los presupuestos teórico-metodológicos de los estudios discursivo-deconstructivos y sus mecanismos de comprensión, a partir de la relación entre el lenguaje y su historicidad, en este texto, es la noción de función-autor (FOUCAULT, 2003), determinada por sus condiciones de existencia y, sobre todo, de resistencia que pretendemos subrayar, para comprender cómo, la autoría, en/por la literatura marginal contemporánea del sujeto-enunciador Geovani Martins,

---

1 Doutora em Letras pela Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, *Campus* Três Lagoas. Professora EBTT Português/Espanhol no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo, *Campus* Catanduva (IFSP-Catanduva). Membro do grupo de pesquisa O (res)significar no/sobre/pela linguagem, escrita, (escre)vivência, CNPQ/UFMS. E-mail: <elida.castilho@ifsp.edu.br>.

más que la indicación de un gesto, un verdadero discurso, una “presencia”, conlleva, otras funciones, principalmente, las que son posibles otras ocurrencias de un conjunto de discursos/miradas.

PALABRAS-CLAVE: Autoría. Representación. Literatura Marginal. Deconstrucción.

## INTRODUÇÃO

Seja pela exploração, no campo literário, do (não) utilitarismo da literatura, seja no campo filosófico-social, do que venha ser verdade (FOUCAULT, 2002), o que podemos assinalar, ao longo da historiografia literária e filosófica<sup>2</sup>, é que a relação entre literatura e verdade, por meio de suas definições, comentários e interpretações, sempre se mostrou como um jogo complexo e contraditório no julgamento pelo discurso da verdade literária.

Concebida como uma representação “mais fiel” da verdade, no sentido de imitação, no conceito platônico de *mímesis*, o entendimento do texto literário era, literalmente, atrelado à metáfora teatral, como uma cena, representação. Em outras palavras, o texto literário era visto como uma imitação, representação da realidade, compreendida como concreta e observável.

Nessa direção, a concepção de texto/leitura, como observa Coracini (2005, p. 20), seria de “des-vendar sentidos”, já que as palavras, também concebidas por essa perspectiva, eram (são) compreendidas como transparentes, unidades do dizer, unidade de leitura. O autor e, não autoria e/ou função-autor (FOUCAULT, 2003), distinção que trataremos mais adiante, também é visto como racionalidade, ser empírico, “[...] o centro de onde partem e para onde convergem os sentidos.” (CORACINI, 2005, p. 21), puro instrumento de comunicação em que a noção de sujeito e, portanto, a subjetividade não tem lugar.

Limitado ao nome do autor que, com a sua funcionalidade, é utilizado para, assim, unificar saberes discursivos, “verdades”, a presença autoral, por essa perspectiva, segundo

---

2 Vale salientar que utilizamos, neste texto, historiografia literária no sentido de uma concepção tradicional e metafísica, comumente tratada como canônica.

Foucault (2003, p. 26), atua “[...] como o princípio de agrupamento dos discursos, como unidade de suas significações, como foco de coerência.”. Desse modo, conceber o texto literário a partir da noção de discurso, para além das palavras, considerando a função-autor e não a presença-autor, é o objetivo deste texto observar como, na autoria marginal-periférica de Geovani Martins, o que está em pauta não são discursos de verdade sobre temáticas, autoria e personagens marginalizados<sup>3</sup>, mas a possibilidade de dizer sobre si e sobre o mundo, para além da representação, somente no nível do visível, uma vez que, conforme escreveu Foucault (2003, p. 142, grifos do autor), “[...] *não importa quem fala*, mas o que se diz não é dito de qualquer lugar, é considerado, necessariamente, no jogo de uma exterioridade.”.

#### AS CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DA OBRA DE GEOVANI MARTINS: PARA ALÉM DE UMA AUTORIA (D)E REPRESENTAÇÃO

O texto literário, enquanto construção social (FOUCAULT, 2016), é um campo de saberes articulados entre si, constituídos historicamente e em meio à disputa de poder, é capaz de produzir e, sobretudo, reproduzir discursos (de verdades) que, a depender do sujeito enunciador, pode reafirmar expressões de uma lógica vertical das relações de poder.

Na historiografia literária brasileira, o ponto de vista do “[...] sujeito dominante no discurso sobre o pobre e o excluído da sociedade brasileira.” (HOLLANDA, 2014, p. 26): o escritor branco, de classe média, autorreferente, heterossexual (DALCASTAGNÈ, 2012), não é

---

3 Marginalizados são, neste texto, entendidos, em sentido amplo, conforme Dalcastagnè (2007, p. 20), em consonância com a cientista política Melissa Williams, “como todos aqueles que vivenciam uma identidade coletiva que recebe valoração negativa da cultura dominante, sejam definidos por sexo, etnia, cor, orientação sexual, posição nas relações de produção, condição física ou outro critério”. Também compreende o sentido que o termo *marginal*, caracteriza e intitula, a autodenominada *literatura Marginal contemporânea* que, segundo Patrocínio (2016, p. 149), diz-se de “um número expressivo de autores que utilizam o termo marginal como signo identitário e buscam expressar o cotidiano de territórios periféricos a partir de uma escrita fortemente marcada por um teor testemunhal e pela estética realista”.

difícil de encontrar; o que imprime às obras, autores, temáticas e personagens silenciados, uma representatividade literária e cultural cheia de marcas de uma historicidade única e preconceituosa de objetos de escrita (BOSI, 2002). Estabelecendo vínculos identitários e de representação, no nível do visível, o modo de ver/narrar personagens marginalizados, nesse horizonte, na maioria das vezes, está ancorado em filosofias da representação social em que a noção de causalidade social, biológica, cristã, sócio, essencialista é fator fundamental e simplificador.

Quando analisamos, entretanto, o texto *O Sol na Cabeça* (2018), de Geovani Martins, notamos que, para além de uma autoria (d)e representação, pautada nessas filosofias essencialistas, pensando com Foucault (1999), mobilizam-se formas de representação, em uma relação entre o visível e o invisível, em uma re-apresentação da realidade que resulta em uma nova construção discursiva (FOUCAULT, 1999), que coloca em ação, questionamentos literários, políticos, geográficos e sociais que “[...] só quem está na borda consegue ver.” (EVARISTO, 2020, informação verbal)<sup>4</sup>.

Compreender, portanto, como a obra de Geovani Martins é feita, para quem é feita e por que é feita é um exercício importante, mas não único, para a problematização da questão da autoria e da representação nas produções literárias marginais. Não porque o papel de sujeito-enunciador de Martins, também morador de comunidades, coloca-o como origem, discurso de verdade sobre os temas e pessoas que circundam a favela, mas porque é na/pela função-autor (FOUCAULT, 2003) que marca, constitutivamente, essas produções, que outras discursividades podem ser (re)pensadas.

Ponto importante de observação: as condições de produção da obra de Martins materializam discursos e estabelecem efeitos de discursividades determinadas pelas

---

<sup>4</sup> Fala da escritora Conceição Evaristo, na palestra de abertura do Seminário “A Escrivência de Conceição Evaristo”, iniciativa do Itaú Social em parceria com a MINA Comunicação e Arte, realizado nos dias 11 e 12 de novembro de 2020, na página do Itaú Social no YouTube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=gisQ0mWUvU0>> Acesso em: 11 de novembro de 2020.

condições de existência e de resistência que preenchem, em sua enunciação literária, “[...] mais que uma indicação, um gesto, um dedo apontado para alguém.” (FOUCAULT, 2003). Com “[...] uma certa ligação com o que [eles] nomeiam, mas não inteiramente sob a forma de designação.”, como acrescenta Foucault (2003), a autoria, mais que a indicação de um discurso verdadeiro, carrega outras funções, principalmente, as de que certas ocorrências de um conjunto de discursos são possíveis como formas de apresentação, experiência e imaginação.

Obra de estreia do escritor morador da Favela do Vidigal, no Rio de Janeiro, para o grande público nacional, *O Sol na Cabeça* é composta por treze contos que, segundo Prata (2018)<sup>5</sup>, “[...] retratam a infância e adolescência de moradores das favelas cariocas como jamais foram retratados.”

Manifestando singularidades e diferenças, afetado pela alteridade e posição social que ocupa, o modo como Martins escreve seu texto e, inevitavelmente, deixa emergir a “[...] inscrição de si, em si e no outro.” (CORACINI, 2010, p. 29) permite que algumas implicações sobre o dizer e fazer literários possam ser colocadas em suspenso, não só sobre as marcas clássicas de representações fundamentalistas dos sujeitos/personagens marginalizados, como, também, de legibilidade (HAROCHE, 1992; CORACINI, 2010), “leitura e interpretação” do texto.

Narrando a favela e os personagens em movimento, Martins, para cada voz narrativa, constrói e articula várias vozes discursivas, possibilitando que outras formas de subjetivação e interpretação leitora/discursiva no e por esses jovens possam ser (re)pensadas, (des)construídas de uma subjetivação *prêt-à-porter* (MARIANI, 2006; ANDRADE & AMARANTE,

---

5 Trecho retirado da contracapa do livro *O sol na cabeça* (2018), escrito por Antônio Prata (São Paulo, 1977), escritor, cronista, colunista e roteirista brasileiro. Foi ele quem recomendou à editora Companhia das Letras os textos do novato escritor Geovani Martins, depois de conhecê-lo durante a FLIP – Feira Literária Internacional de Paraty, em 2017. (LINHARES, 2020, p. 523)

2015)<sup>6</sup>, vistas e consumidas por um olhar de fora, como condicionadas e condicionantes de uma subjetividade marcada por uma historicidade de preconceitos e exclusões.

Ao resgatar no/pelos ditos do dizer, os sentidos entrecruzados de uma memória discursiva inscrita em práticas sociais, os contos da obra, pela voz dos jovens personagens, não funcionam como “[...] um papel de intérprete de coisas aparentemente escondidas, camufladas, esquecidas [...], que quiseram ocultar.” (FOUCAULT, 2016, p. 69) mas, de “[...] fazer aparecer o que está muito imediatamente presente e ao mesmo tempo invisível [...]”, “[e] que nosso olhar atravessa para ver outra coisa.”. Atravessam, por exemplo, para buscar a hegemonia da palavra soberana, do sentido único das instituições de poder e que na transparência dos textos e discursos literários naturalizados sobre autoria e personagens/sujeitos marginalizados, veem nos e pelos textos que trazem na enunciação literária, esses personagens, redes de memórias associadas à criminalidade, ao olhar e à cultura do criminoso e/ou, sob a concepção de estética linguística, como uma produção menor, “com ares de rascunho” (CANDIDO, 1967), enfim, como uma (re)produção que obedece às estruturas *a priori*, que já estão aí.

Desde as participações em oficinas literárias, sobretudo na FLUP, Martins já procurava produzir textos literários sob uma outra perspectiva daquilo que se propunha a narrar, daquilo que outras narrativas se propunham a narrar<sup>7</sup>. Dono de uma estrutura

---

6 Expressão advinda da moda (LIPOVETSKY, 2005) que, no século XX, significou uma verdadeira “revolução democrática”, uma vez que se ofereceu como modelo alternativo à moda tradicional. No sentido empregado para adjetivar o sujeito contemporâneo, as pesquisadoras Andrade e Amarante (2015), salientam que é uma anexação propositadamente provocadora que está intrinsecamente articulada às mudanças sociais, culturais e econômicas da sociedade que, na contemporaneidade, remete a alguns efeitos de sentido que perpassam os ideais de que os sujeitos se identifica (ou não) com diversos elementos que constituem uma tendência na moda, transformando-a, por assim dizer, em escolhas heterogêneas, múltiplas e, de certo modo, “pessoais” (ANDRADE; AMARANTE, 2015, p. 74-75). No caso em questão, os personagens dos contos, são, pelo modo como são consumidos, subjetivados, pela sociedade, de modo geral, com uma identificação já estabelecida, “ready to wear”, “pronto para usar”.

7 Em 2014, ao participar de uma oficina literária organizada pelo poeta Carlito Azevedo, na Biblioteca Parque da Rocinha, os participantes, dentre eles, Geovani Martins, tinham que escrever um conto a partir da notícia da morte de um cinegrafista, Santiago Andrade, atingido por um rojão, quando registrava o confronto entre

narrativa que contempla um realismo imaginativo, que não imita mimeticamente a realidade, mas provoca significações por meio de provocações de afeto (SCHOLLHAMMER, 2009), os contos da obra convocam o leitor a ouvir/ler cenas sociais, por uma outra percepção. Os finais abertos também são um exemplo da potência escritora do jovem escritor, sobretudo, por possibilitar ao leitor que imagine, pense e repense, diante da possibilidade de um “outro” final, outras formas de subjetivação, tanto de si, quanto as que se projetam nos personagens da obra.

O conjunto das treze narrativas ficcionais que a integram tem, como principal temática, as aventuras e desventuras de crianças e jovens moradores de comunidades que, no trânsito de suas vidas, enfrentam, em sua realidade cotidiana, violências de muitas ordens. A presença constante do tráfico, as relações familiares, as lutas e desejos também fazem parte das histórias que, “[...] a partir da renovada perspectiva temática sobre o morro – a favela – efetuada pelo escritor[...]”, buscam, “[...] abandonar a visão estereotipada do favelado que, por muito tempo, esteve presente na literatura brasileira.” (PIMENTEL, 2020, p. 252).

Geovani Martins, já nos primeiros parágrafos dos contos, situa o leitor nos conflitos nucleares de cada história que, de modo geral, centram-se em preconceitos, exclusões e racismo estrutural, consumo de drogas, falta de apoio do poder público, invisibilidades sociais e “enfrentamentos” com a polícia, ou seja, em subjetividades marcadas pelo idealismo, pelo psicologismo e por condições (essencialistas) humanas (ARENDE, 2010), o que transforma o

---

manifestantes e policiais durante protesto contra o aumento da passagem de ônibus, no Centro do Rio. Os participantes escolheram como foco narrativo a polícia ou os manifestantes ou o cinegrafista morto, Geovani Martins, imaginou o rojão: “Ele escolheu um ângulo inesperado. Geovani é aquele craque que, em vez de ser só ótimo em uma jogada conhecida, descobre uma inesperada. O rojão era o único elemento da cena que não vinha com psicologia pronta. [...] Já era sintomático que o Geovani pegasse algo psicologicamente tão denso e problemático. Tinha uma forma de olhar para o mundo e escutar tudo que era dito. Não sabia quanto tempo ia levar, mas sabia que uma hora ia acontecer [de ele ser descoberto] (AZEVEDO, 2018). Poeta e instrutor Carlito Azevedo em entrevista ao jornal Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2018/03/morador-de-favela-no-rio-geovani-martins-desponta-como-escritor.shtml>> Acesso em: 23 de fev. de 2021.

morador da periferia em suspeito automático em um ponto de ônibus ou no calçadão da orla, entre outras situações.

Ao dar aos jovens narradores e personagens das histórias, a responsabilidade de desempenhar as ações de cada enredo, os “acontecimentos” (FOUCAULT, 2006) discursivos, Martins não só cria um universo ficcional para provocar reflexões sobre a infância nas periferias dos grandes centros urbanos brasileiros, como também amplia e busca descontinuar, na série histórica e natural dos textos literários com crianças marginalizadas, suas vozes, “deixando vazar aqueles discursos para que falem por si” (FOUCAULT, 2003).

Conto de abertura da obra, *Rolézim*<sup>8</sup>, narrado em primeira pessoa pela voz do garoto de comunidade, com suas gírias, trejeitos e a genialidade da língua falada (CUNHA, 2019), de quem “[...] pula da oralidade mais rasgada para o português canônico como quem respira.” (SALLES, 2018, s/p)<sup>9</sup>, narra a relação do personagem com o distanciamento social e geográfico, que resulta na brutal desigualdade e exclusão do jovem favelado, sobretudo, no instante em que ele deixa de ser invisível para os frequentadores das praias da Zona Sul, na capital carioca, e para os desmandos da polícia.

Nessa história, temos um bom exemplo, segundo Gonçalves (2018)<sup>10</sup>, “[...] da sensação produzida pela temperatura elevada na cidade do Rio de Janeiro, pois um simples passeio de cinco jovens provoca paranoias sociais indisfarçáveis e o clima esquenta em outros sentidos.”. O clímax acontece na volta para casa, quando ele e seus amigos, depois de um dia inteiro, escoltados pelos olhares dos policiais e/ou dos *playboys* segurando a mochila contra o

---

8 Pela brevidade deste texto, trataremos para exposição discursiva somente os dois primeiros contos da obra, *Rolézim e Espiral*. Para análises dos demais contos, ver: CARVALHO CASTILHO, E. C. (Re)Pensando subjetividades marginalizadas no e pelo discurso literário de Geovani Martins (2022). Referência completa na seção de referências.

9 João Moreira Salles, documentarista e produtor de cinema brasileiro, na contracapa do livro.

10 Por Evanilton Gonçalves, Blog da Companhia: “Com O sol na cabeça, Geovani Martins se revela uma das vozes mais promissoras da literatura brasileira contemporânea”. Disponível em: <<https://www.blogdacompanhia.com.br/conteudos/visualizar/Com-O-sol-na-cabeça-Geovani-Martins-se-revela-uma-das-vozes-mais-promissoras-da-literatura-brasileira-contemporanea>> Acesso em: 29 de junho de 2022.



corpo, topam com uma abordagem policial em outros “menó” e, como sempre, dado o racismo institucional que os coloca como suspeito automático em muitas situações<sup>11</sup>, também são abordados/revistados. Diante das (im)possibilidades quanto às suas *identidades* marcadas pelo olhar dos policiais, como *passagem* para o destino final – a delegacia, decide “sair voado”, mesmo sabendo que o “flagrante está na mente”, já que a única coisa que pensava era em como explicar “pra coroa que focinho de porco não é tomada”, antes dela engoli-lo “na porrada”.

O preconceito velado com os moradores da periferia, (re)velado nas práticas discursivas e não-discursivas, como a abordagem policial, narrada no conto “Rolézim”, também, é questionado no segundo conto, “Espiral”, e que tem como fio condutor os desdobramentos da perseguição social e preconceituosa, quando o narrador está em espaços fora da favela.

Trazendo o outro lado do medo que se estabelece entre perseguido e perseguidor, vítima e ladrão, o (dis)curso do conto é centrado na apresentação desse outro ângulo da realidade social que envolve muitos dos jovens de periferia, “cansados” de ser o motivo, a ameaça, o medo das pessoas: “Tudo começou do jeito que eu mais detestava: quando eu, de tão distraído, me assustava com o susto da pessoa e, quando via, era eu o motivo, a ameaça.” (MARTINS, 2018, p. 17). Na apresentação da obra, no *Blog da Companhia*, Gonçalves (2018) assim resume a narrativa de “Espiral”, “[...] uma das mais perturbadoras do livro.”: “Além de tipificar a fragilidade das relações humanas, em meio aos contrastes sociais, com ironia o personagem-narrador demonstra que os muros metafóricos ou concretos não conseguem evitar os choques da realidade.”.

---

11 Segundo fala de Jacqueline Sinhoretto, em comunicação pessoal, na palestra: Juventude, controle do crime e racismo institucional, no evento *Jovens, racialização e criminalização*, promovido em formato digital pelo CES/Coimbra em 21 de junho de 2021, o preconceito estrutural e uma orientação racial de possíveis contraventores, influenciados pela corporalidade, de como se vestem, agem e falam, classe, territórios em que circulam são dados da seletividade policial como fenômeno sociológico e marcação de desigualdades sociais.

A construção discursiva da obra aponta para certas regularidades ancoradas em discursos de alteridade. Expressão literária das periferias, essa construção discursiva questiona o lugar enunciativo de práticas sociais que, em face das marcas históricas de representação, colocam o papel narrativo-discursivo dos personagens marginalizados em representações estereotipadas, como objetos naturais. Com base nisso, pode-se observar que, na dispersão e na regularidade, as multiplicidades de vozes presentes na obra não só dizem respeito, em sentido literal, aos diversos narradores que contam as histórias, mas, também pela heterogeneidade discursiva que essas vozes alcançam, à presença do outro/Outro<sup>12</sup> na enunciação.

Isso porque, o dizer da obra, construído no jogo discursivo do olhar de si e do outro e do olhar do outro sobre si, imbricado no modo como a possibilidade de existência do discurso acontece na relação com o outro – personagem do asfalto e o do morro – abre caminhos para que outras leituras, para além do dito/narrado, possam ser pensadas, para “[...] fazer aparecer o que está muito imediatamente presente e ao mesmo tempo invisível [...] e que nosso olhar atravessa para ver outra coisa.” (FOUCAULT, 2016, p. 69).

Cheias de significados e efeitos de sentido, sobretudo, enquanto dimensão social, política e ética, de trajetórias e subjetividades de e sobre a identidade das populações marginalizadas, as obras de autoria marginal têm, na e pela concepção de “autoria”, de inscrição de si, em si e no outro e, naquilo que o próprio Foucault (1992) denominou “figura jurídica do autor”, a constatação de que “[...] a origem do discurso, da percepção de que o local de enunciação é o mesmo do objeto.” (PATROCÍNIO, 2013, p. 13), interpretando seu

---

12 De acordo com a psicanálise lacaniana, um dos pilares da perspectiva discursivo-desconstrutiva (CORACINI, 2007); “o sujeito que é atravessado pelo inconsciente – estruturado como uma linguagem (efeito entre significantes) – está vinculado a três registros: imaginário, simbólico e real, que fazem nó borromeano. Lacan (2007) afirma que o laço entre os três registros é enigmático, pelo fato de um estar entrelaçado nos outros e vice-versa, de modo que solto um, o nó se desfaz. O imaginário é da ordem psíquica que corresponde ao ego (eu) do indivíduo, que busca no *Outro* a sensação de inteireza, é o registro do engodo da identificação orientada por imagens de si que o sujeito faz dele mesmo, construída a partir do outro, num processo especular” (DIAS, 2016, p. 27, grifos nossos).



tempo por meio de uma consciência crítica que, afirmando diferenças, demarca, também, territorialidades, sejam elas espaciais, sejam elas sociais.

Assim sendo, essa nova forma de fazer e experimentar a literatura, de fazer e experimentar a função-autor na literatura marginal, produzida por autores identificados com pautas semelhantes de atuação e reivindicação, alcança hoje um posicionamento político-ideológico que, para além dos sentidos evocados, possibilita uma discussão muito mais ampla de produção, circulação e crítica desses textos, que servem, indubitavelmente, para repensar discursos e preconceitos, tanto nas páginas literárias, quanto nas da vida social, pois, muito mais que reduzir, homogeneizar e/ou delimitar o campo discursivo, essas produções contribuem para evocar sentidos com, ainda, mais força expressiva e discursiva, potencializando dizeres que constituem-se em importantes elementos identificadores de temática, autoria, ponto de vista, linguagem e público.

#### A FUNÇÃO-AUTOR NA LITERATURA MARGINAL

As condições de produção da obra de Geovani Martins, como já dito, têm origem no mesmo espaço ficcional dos personagens dos seus contos que, sob essa condição autoral, conferem à enunciação, conforme destaca Foucault (2003), fragmentos de discursos de uma realidade da qual se faz parte. Tal característica, entretanto, não atua, consoante Schollhammer (2009), enquanto a concepção daquilo que ele denomina Novo Realismo, como uma projeção e/ou reflexo do mundo, um projeto confessional de um eu ególatra e monofônico (AMARAL & RODRIGUES, 2014, p. 87), que simplifica e/ou empobrece os prazeres e mistérios que envolvem a escrita, a leitura e os enredos (FERNANDES, 2012), mas como uma maneira de diminuir a distância do olhar, sobretudo, a partir de efeitos de (outras) realidade(s).



Voltado para uma realidade social, enquanto tentativa estética de possibilidade de mudança e de transformação, os meios dispostos pelo autor, para a construção discursiva dos contos, não reproduzem contos de favela, de uma realidade mimética, de uma manchete estereotipada de jornais, mas de autoria, discursividades (FOUCAULT, 2003, 2001), que para além de narrativas que consideram apenas uma individualidade, uma natureza humana (ARENDR, 2010), tornam possíveis outros discursos sobre esse espaço e as pessoas que ali (sobre)vivem.

Assim, a regularidade enunciativa da obra permite-nos afirmar que as marcas de subjetividade do autor, estabelecidas as amarras entre o linguístico, o histórico (FOUCAULT, 1987, 2002) e o simbólico (CORACINI, 2007), depreendem efeitos de sentido de formas de experiência, a partir de outro ângulo que contribui para distanciar do lugar-comum de objetos do discurso os sujeitos/personagens marginalizados, na relação crítica com o conjunto de saberes discursivos, sobre os temas do distanciamento social e geográfico que resulta da brutal exclusão dos personagens, das invisibilidades sociais, dos preconceitos, do consumo de drogas, da falta de apoio do poder público e “enfrentamentos” com a polícia.

Visto que a função-autor na literatura marginal de Geovani Martins, em *O Sol na Cabeça*, não só contribui para ampliar o alcance e legitimidade dessas vozes, mas, principalmente, evidenciar “[...] que outras ocorrências de um conjunto de discursos são possíveis.” (FOUCAULT, 2003), e não porque suas referências discursivas estão no mesmo *lócus* enunciativo dos personagens da obra, situado em seu estado civil, mas porque resultantes de uma construção, o dizer da obra permite que uma análise histórica de discursos possa ser instaurada.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Pauliane; RODRIGUES, Rauer Ribeiro. As memórias de si: a subjetividade na Literatura Brasileira Contemporânea. In: *Scripta Uniandrade*, Curitiba, PR, v. 12, n. 1, 2014. (p. 85-105)
- ANDRADE, Eliane Righi; AMARANTE, Maria de Fátima Silva. O sujeito *prêt-à-porter*: Consumo e construção de subjetividades na contemporaneidade. *Agália. Revista de Estudos na Cultura*, 2015. (p. 73-98)
- ARENDT, Hanna. *A condição humana*. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- BOSI, Alfredo. A escrita e os excluídos. In: *Literatura e Resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.
- CUNHA, Vanessa Augusta Cortez dos Santos. *O sol na cabeça e os campos de força da bios*. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2019. 69 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2019.
- CORACINI, Maria José de Faria. Representações de professor: entre o passado e o presente. *Revista Reflexão e Ação*, Santa Cruz do Sul, v. 23, n. 1, p. 132-161, jan./jun. 2015. Disponível em: <<http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/index>>. Acesso em: 04 de março de 2022.
- CORACINI, Maria José de Faria. Transdisciplinaridade e análise de discurso: migrantes em situação de rua. *Cadernos de Linguagem e Sociedade*, Brasília, 11 (1), 2010. (p. 91-112)
- CORACINI, Maria José de Faria. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade: línguas (materna e estrangeira)*. Plurilingüismo e tradução. Campinas: Mercado de Letras, 2007.
- CORACINI, Maria José de Faria. Concepções de leitura na (pós-) modernidade. In: LIMA, R. C. de C. P. (Org.). *Leituras: múltiplos olhares*. Campinas: Mercado de Letras; São João da Boa Vista: Inifeob, 2005. (p. 15-44)
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2012.



DALCASTAGNÈ, Regina. A autorrepresentação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. In: *Letras de Hoje*. Porto Alegre, v. 42, n. 4, 2007 (p. 18-31).

DIAS, Silvelena Cosme. *Simulacros desterritorializados: uma análise do discurso sobre as novas tecnologias em materiais didáticos de LI*. Campinas: UNICAMP, 2016. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada) – Programa de Pós-Graduação do Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 3. ed. Rio de Janeiro, Forense, 1987.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 2003.

FOUCAULT, Michel. Las meninas. In: *As palavras e as coisas: uma arqueologia das ciências humanas*. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999 (p. 03–21).

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. Tradução Laura Fraga. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Lisboa: Passagens, 2003 (p. 89-128).

FOUCAULT, Michel. *A grande estrangeira: sobre literatura*. Tradução de Fernando Sheibe. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

HAROCHE, Claudine. *Fazer dizer, querer dizer*. Tradução Eni P. Orlandi. São Paulo: Editora Hucitec, 1992.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. Crônica Marginal. In: RESENDE, Beatriz; FINAZZI-AGRÓ, Ettore (Org.). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

MARTINS, Geovani. *O Sol na Cabeça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. Subalterno, periférico e marginal. Os novos sujeitos da enunciação no cenário cultural brasileiro. In: ALMEIDA, Júlia. SIEGA, Paula (Orgs). *Literatura e voz subalterna*. Espírito Santo: Edufes, 2016, (p. 149-170)



PATROCÍNIO, Paulo Roberto Tonani do. *Escritos à margem: a presença de autores de periferia na cena literária brasileira*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2013.

PIMENTEL, Davi Andrade. O sol na cabeça, de Geovani Martins: a literatura do morro. In: *Eixo Roda*, Belo Horizonte, v. 29, n. 2, p. 252-273, 2020.

SCHOLLHAMMER, Karl Erick. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

---

Envio: Setembro de 2022.  
Aceito: Dezembro de 2022